

Inventar os corpos: A luta discursiva das homossexualidades masculinas durante a ditadura militar no Brasil (1978-1981)

**Invent bodies: The discursive struggle of male homosexualities
during the military dictatorship in Brazil (1978-1981)**

Paulo Roberto Souto Maior Júnior*

Resumo: Entre abril de 1978 e junho de 1981 circulou no Brasil o jornal *Lampião da Esquina* produzido e destinado em grande maioria a leitores homossexuais. Este artigo aborda as condições de emergência do periódico, sua arquitetura e objetivos. A questão norteadora analisa como e de que maneira o jornal produziu uma série de discursos sobre os corpos homossexuais, atribuindo-lhes significados e sentidos inéditos até então e que funcionaram como uma forma de resistir à ditadura militar.

Palavras-chave: Homossexualidades. Jornal *Lampião da Esquina*. História dos corpos. Ditadura militar.

Abstract: Between april 1978 and june 1981 circulated in Brazil the journal *Lampião da Esquina* produced and destined for the majority homosexuals readers. This article discusses the periodic emergency conditions, your architecture and objectives. The guiding question analyzes how and in what way the newspaper produced a series of speeches about homosexual bodies, giving them meanings and senses that had never been seen before and which functioned as a way to resist in the military dictatorship.

Keywords: Homosexualities. Journal *Lampião da Esquina*. History of bodies. Military dictatorship.

O ano de 1978 pode ser considerado um marco significativo e um dos pontos de inflexão na história das homossexualidades no Brasil. Em abril daquele ano chegava às bancas de revistas o número zero de *Lampião da esquina*, primeiro jornal escrito por um grupo de intelectuais homossexuais.

* Licenciatura em História pela UFCG. Mestre em História pela UFPE. Doutor em História pela UFSC. Professor da UFRN.

Ao alcançar as bancas de revistas e as residências dos assinantes, *Lampião* propunha discutir as homossexualidades, um tema sempre tão controverso na sociedade brasileira, de forma clara, ampla e direta. Assim, modificava visões dadas sobre a homossexualidade na época, pois procurou romper com as formas até então propostas de escrever e de se referir à homossexualidade. É o que se pode perceber também pela leitura das matérias ali contidas sobre temas diversos, com especial destaque para as lutas de grupos estigmatizados pela sociedade.

Na produção do periódico, os assuntos selecionados para virar notícia, assim como o engajamento social dos seus editores em tempos de repressão, podem ser apontados como alguns dos aspectos singulares de sua trajetória, diferente de quase tudo que se havia publicado sobre o tema.

Nas páginas de *Lampião* encontram-se relatos significativos do período em que os homossexuais tomaram a palavra para si, argumentaram, ocuparam um espaço conquistado pela força de uma escrita gestada em condições históricas ainda difíceis para abordar um tema até então considerado impróprio de ser mencionado no dia a dia, quanto mais impresso nas páginas de um periódico.

As edições de *Lampião* buscavam incessantemente inverter o sentido, negativo, que se tinha quando se pensava em homossexualidade. Seus editores lutavam não apenas contra o silêncio que se lhes era imposto, salvo nas páginas literárias de alguns autores que ousaram abordar o tema, como também para fazer frente aos discursos da medicina, que lhes estigmatizava como portadores de uma doença.

Em um primeiro momento, a ideia de seus criadores era a de lutar contra todos os tipos de estigmas, isso porque *Lampião* foi fundado em meio à luta de outros grupos que, igualmente marginalizados, buscavam espaço na sociedade civil. Entre os mais ativos estavam as “feministas”, os “negros”, e, devido ao *Lampião*, os homossexuais.

Os escritos que *Lampião* fez circular, permitem lançar luz sobre um momento significativo da história das homossexualidades no Brasil, na passagem dos anos 1970 para os anos 1980. Ali se encontram outros textos, sobre os mais diversos assuntos, cuja leitura nos ajuda a perceber quais as

condições sociais e políticas que permitiram seu florescimento naquele momento. Possivelmente, quando as suas edições mensais chegavam aos leitores, não houvesse apenas satisfação com a leitura de temas que lhes diziam respeito, mas igualmente certo espanto diante de outros, inéditos, ali abordados, como a relação entre homossexualidade e religião.

Parece ter sido no final da década de 1970 que ocorreu o início de uma construção imagético-discursiva que procurava dar corpo e sentidos próprios ao homossexual. Para isso, procurei ler os textos escritos por editores e colaboradores do periódico, preocupados em formular uma maneira de ser e estar para os homossexuais. Com isso, o *Lampião* passava a ter uma função particular a alguns periódicos, funcionar como *acontecimentos* históricos úteis e necessários na fabricação de novos mundos e na modelagem de subjetividades inéditas para os sujeitos que os leem.

O ato de escrever é endereçado, escreve-se para alguém, ainda que para si mesmo. Assim, dar e atribuir são dois verbos que se aproximam dos objetivos daqueles que exercem a escritura e com o *Lampião* isso não foi diferente. Ao dar aos homossexuais o direito à voz, ele lhes dava também o direito a um corpo. Até então, os homossexuais não elaboravam os discursos sobre si mesmos, esses discursos eram “construídos” por outras esferas discursivas e, por tal razão, parte de sua história permaneceu inserida na história de outros campos do saber, entre os quais a medicina¹.

Delineiam-se dois objetivos para este texto: a) compreender a emergência do jornal *Lampião da Esquina*, estudando a caracterização do periódico, objetivos da publicação e formas de distribuição; b) discutir a partir das matérias *Lampião da Esquina* o aparecimento público dos corpos

¹ No Brasil dos anos 1940-1950 teremos, ainda, uma visão médica e clínica da homossexualidade. Em 1947, era apresentado, na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, um trabalho para a disciplina de Medicina Legal, *Homossexualismo Masculino*, de autoria de Jorge Jaime. Em seguida, foi publicado, e, em 1953, já contava com uma segunda edição. Nas décadas seguintes, o controverso tema seria cada vez mais debatido por psicanalistas, psicólogos, médicos e juristas. Publicações como *Aberrações do comportamento homossexual*, do médico e especialista em psiquiatria Frank S. Capri, em 1968, era reeditada pela terceira vez no país como um volume da biblioteca de *Sexologia* da Editora Ibrasa, abordando, numa visão psicanalítica, conflitos entre homossexuais e seus pais, casos de depressão ligados ao triste convívio familiar e depoimentos homossexuais, agora sobre um ponto de vista menos médico, mostrando os avanços e retrocessos que o tema suscitava. Era sobre, e contra, esse discurso que *Lampião* pretendia avançar.

homossexuais na história do Brasil e de que maneira eles ensinam normas de gênero, de como ser homossexual.

Opto por começar explicando o uso do termo invenção no título deste texto. Compreendidas estas questões, exponho a fonte e, em seguida, a construção discursiva dos corpos homossexuais.

Quando a historiografia diagnostica a invenção de determinada prática ou saber, apesar do pouco consenso acerca do termo invenção entre os historiadores, busca, aproximando-se dos estudos de Foucault (2010), contemplar o singular, o descontínuo. É também uma produção que parte do presente “mesmo quando analisa as várias camadas de discursos que o construíram ao longo do tempo” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 26).

A invenção do corpo homossexual no jornal se deu com os editores escrevendo suas opiniões e modificando visões das homossexualidades até então naturalizadas no Brasil. Passaram a fazer isso lançando mão dos corpos homossexuais, inventando-o discursivamente. Compete neste artigo recorrer a esses corpos, estudá-los como máquinas de guerra² e discursivas, operar sobre ele um *desvio* (CERTEAU, 2010, p. 79) de elementos naturais para um campo cultural, tornando-os históricos.

Uma história de mudanças nas concepções de corpo foi influenciada, afirmou Roy Porter (2011), pela contracultura dos anos 1960 e o feminismo da década seguinte porque esses acontecimentos e os que deles se derivam, como as questões colocadas pelo Maio de 1968, questionaram hierarquias sexuais levando a uma série de transformações culturais. Porter recorda o surgimento de livros abordando a temática do corpo num sentido cultural, como foi o caso de *Rabelais and his world*, de Mikhael Bakhtin, cujo estudo toma os corpos como resistência aos poderes oficiais.

Em 1970, um número da revista dos *Annales* trazia para o debate a história biológica, especialmente os estudos de François Jacob. Pouco depois, Le Goff aconselhava os historiadores a realizar um estudo das culturas e das sociedades através do corpo (In DEL PRIORE, 1994). Porém, é com os estudos

² Considerar o corpo máquina de guerra é vê-lo como uma potência em constante fazer e estar nômade. Semelhante a uma máquina, o corpo é marcado por conexões, mas, também, por desejos. De acordo com Deleuze e Guattari, “um fluxo de guerra absoluta que escoar de um pólo ofensivo a um pólo defensivo e não é marcado senão por quanta (forças materiais e psíquicas que são como que disponibilidades nominais da guerra)”. Ver: Deleuze e Guattari (2010, p. 97).

de Michel Foucault sobre a *História da Sexualidade* e a formulação do estudo do poder relacionado ao enquadramento, disciplinamento e correção dos corpos que a discussão se intensifica.

Os historiadores, ao elegerem o corpo como objeto de estudo, consideram que “a distribuição da função e da responsabilidade entre o corpo e a mente, o corpo e a alma, difere extremamente segundo o século, a classe, as circunstâncias e a cultura, e as sociedades com frequência possuem uma pluralidade de significados recorrentes” (PORTER, 2011, p. 308). A efetivação dessa área de estudo emerge no campo da história das mentalidades, a partir do diálogo com outras áreas de conhecimento. A Sociologia e a Antropologia, cada uma ao seu modo, observam os símbolos fabricados na relação corpo-sociedade.

Michel Foucault mostrou o poder do corpo durante a modernidade. Foi por meio do corpo que se construiu um conjunto de saberes para adestrar o comportamento sexual do indivíduo. O corpo se tornou o protagonista do dispositivo de sexualidade, virou palco de um conjunto de discursos que elaborou maneiras de se portar com relação à sexualidade. Foi naquele momento histórico, no transcorrer do século XIX, que o homossexual passou a ser percebido como espécie, como um doente que precisava ser curado.

As falas sobre o corpo têm a potência de criar e modificar realidades e práticas que se constroem discursivamente. Ao modelar textualmente os homossexuais, *Lampião* trouxe questões relativas às homossexualidades para a ordem do dia, dialogando e debatendo questões ligadas ao corpo homossexual. Corpo esse que é pensado aqui como produção discursiva a construir novos comportamentos para esse personagem, sobretudo a partir de 1978.

O eixo deste artigo é o estudo de uma formação discursiva, conceito trabalhado também por Foucault na sua obra *A Arqueologia do Saber*, segundo a qual os estudos devem partir não do sujeito ou do objeto, mas do discurso, por entender que as palavras instituem *saberes* sobre o objeto de que falam.

A formação discursiva versa sobre as condições de possibilidades de um discurso desde sua construção e procuram identificar as estratégias de saber que o engendram. Deseja-se conhecer a possibilidade de ordem, a partir da qual determinada prática se forma; localizar a transformação de dado objeto.

As regras formuladas para trabalhar com periódicos já contam, no Brasil, desde a década de 1970, com uma quantidade considerável de pesquisas, conforme vemos em Neckel (2004), Luca(2005). Porém, para os procedimentos de análise deste artigo foram utilizadas a divisão e a metodologia cunhada por Samara & Tupi (2007) ao propor uma análise externa e uma análise interna desse tipo de fonte. O olhar externo merece uma investigação das relações sociais e do eixo espaço-tempo, no qual está inserida a fonte. Quanto à análise interna, não se trata somente do que circunscreve a fonte. O discurso é, em si mesmo, outro acontecimento e, valendo-se dessa máxima, os textos selecionados do *Lampião da Esquina* serão tratados como um acontecimento com características próprias, existência particular, com regras de produção características de periódicos, refletindo como e por que algo foi escrito.

Com o propósito de também situar o *Lampião da Esquina* a partir do seu lugar de fala, é pertinente analisá-lo como um discurso de mídia. Esse diálogo com a fonte inspirou-se em Patrick Charaudeau (2006), que entende a mídia, não como transmissora do que ocorre na realidade social, mas aquela que dita a própria percepção do espaço público. Assim, no caso do *Lampião*, é importante ater-se às condições de produção também numa análise sócio discursiva associada às falas que o constituem.

§

O *Lampião da Esquina*, periódico produzido e publicado por homossexuais iniciou sua circulação em abril de 1978, findando-a em junho de 1981³. De periodicidade mensal e chegando a quinze mil cópias mensais, a edição inicial contava com dezesseis páginas e trazia seções variadas, entre as quais *Cartas na mesa*, espaço de publicação das correspondências de leitores; *Tendências*, geralmente com informações sobre filmes, peças de teatro, lançamento de obras literárias, espaço para trechos de livros ou poemas; e *Esquina*, seção com assuntos destinados ao comportamento homossexual.

À medida que o jornal tornava-se conhecido entre leitores e assinantes, não apenas nos grandes centros, mas também nos mais distantes rincões do

³ A pesquisa ocorreu no acervo físico e digital do autor e envolveu as trinta e sete edições do jornal.

Brasil, outras seções foram surgindo. É o caso de *Bixórdia*, que trazia histórias protagonizadas por homossexuais. O jornal explicava aos leitores que o título da seção tinha o objetivo de abrir espaço para a “representação do que é livre, auto permitido” (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1978, p. 12) porque no seu conteúdo “se misturam viados, bichas, perobos, tias, sobrinhas, primas, entendidos, gueis, transadores, mariconas, paneleiros, frescos, frutas e ximbugos” (Idem).

Foi somente no final da década de 1970 que os homossexuais começavam a escrever sua história de maneira positiva, residindo aí, talvez, por um lado, o espanto de ler histórias protagonizadas por si mesmos, assim como a dificuldade de encontrarem um termo único que se lhes definisse. Diante da profusão de termos apresentados, muitos deles tomados do discurso daqueles que lhes pretendiam ofender, os mais utilizados pelo grupo foram: homossexuais, gueis ou gays, este último importado diretamente do idioma inglês e disseminado nos Estados Unidos.

Cabe lembrar aqui que o jornal começou a circular em um período em que o país ainda vivia em estado de exceção política, com parte significativa dos direitos civis tolhidos pelos Atos Institucionais⁴ que foram configurando o autoritarismo do regime, a partir do golpe de estado de 1964 e num período em que parcela significativa da sociedade ainda acreditava que as homossexualidades fossem uma doença.

Do ponto de vista de sua produção, faz-se necessário aqui uma ressalva: ao lado da crença de que era possível dar voz aos homossexuais, não se pode esquecer de que a produção do *Lampião* só foi possível devido à implantação, em 1970, do método *off-set*, uma forma de impressão à frio que possibilitava cópias a baixos custos e pequenas tiragens (BANDEIRA, 2006, p. 54). Foi esse pequeno, mas fundamental avanço da técnica que permitiu ao *Lampião* atingir mais de quinze mil exemplares mensais, em praticamente todo o Brasil.

Quanto à sua distribuição em bancas e o envio para os endereços de seus leitores – seja para as caixas postais ou para suas residências – também só foi possível porque àquela altura os Correios, paradoxalmente, um dos orgulhos

⁴ Atos elaborados durante a ditadura militar (1964-1985). Geralmente o que propunham deveria ser posto em prática de imediato. Para ver mais, consulte: <http://www4.planalto.gov.br/legislacao/legislacao-historica/atos-institucionais>. Acesso em 15/06/2016.

dos militares, atingiam um padrão de qualidade muito mais elevado do que o conhecido até então.

Outro fator a ser lembrado é o fato de o jornal emergir em um momento em que a psicologia produzia um discurso que se contrapunha ao discurso médico sobre o *status* da homossexualidade.

A ideia que suscitou a fundação de um jornal homossexual, tomado aqui como um acontecimento, ocorreu em 1977 por ocasião da visita ao Brasil de Wiston Leyland, editor do *Gay Sunshine*, publicação gay norte americana que contou com colaborações de significativos nomes da literatura norte-americana, como o do teatrólogo Tennessee Willians (1911-1983) e do escritor Truman Capote (1924-1984) (JORNAL VISÃO, 1978).

A viagem de Leyland objetivava reunir textos de escritores brasileiros para uma coletânea de literatura gay latino-americana. Por conta disto, João Antônio Mascarenhas (1927-1988), conhecido, como se diz atualmente, ativista homossexual, organizou uma reunião com alguns jornalistas e lançou a proposta de criarem um jornal homossexual no Brasil.

Passado o espanto de inusitada e ousada proposta, os onze convidados presentes à reunião começaram a discutir uma forma de viabilizar a proposição de Mascarenhas. Um deles propôs um jornal que falasse das minorias, maneira usada na época para se referir a movimentos sociais de negros, mulheres, índios e homossexuais. Durante a reunião esta ideia teria prevalecido, mas, na prática, *O Lampião* acabou sendo um veículo composto de textos com temáticas voltadas, sobretudo aos homossexuais (SILVA, in RESISTIR É PRECISO, 2011).

Em abril do ano seguinte, chegava às bancas o número zero do *Lampião*. Apenas na edição de número um, no mês seguinte, passou a ser denominado de *Lampião da Esquina*, um título propositalmente ambíguo, pois uma esquina sugere a possibilidade de se seguir por vários caminhos assim como lhes parecia ocorrer com a própria sexualidade.

Quanto à palavra *Lampião*, também vinha carregada de significados, pois sugeria a iluminação de um espaço escuro, remetendo, no caso dos homossexuais, à ideia da obscuridade do universo homossexual e da clandestinidade de suas relações. A palavra era também uma alusão provocativa

à figura do mítico cangaceiro Lampião, símbolo, por excelência, da masculinidade e da virilidade, principalmente no Nordeste brasileiro.

Com o *Lampião*, os homossexuais ganhavam um corpo expresso discursivamente. Esse corpo passou a existir falando de si mesmo, ao construir escritas de si, num caleidoscópio de alegrias, dores, temores e sonhos. Esse jornal procurava dar voz aos corpos homossexuais que desejassem se assumir numa sociedade construída sobre os moldes de uma ciência sexual (FOUCAULT, 2009) criativa, formulada no Ocidente no século XIX. Tal ciência condenava os indivíduos a policiarem seus desejos, suas práticas, seus atos, a anularem suas existências em obediência a um conjunto de regras que acabou por transformar a sexualidade numa disciplina, com instruções de usos, permissões e proibições.

A partir de abril de 1978, com *Lampião*, os homossexuais começaram a produzir e divulgar um discurso que se contrapunha aos discursos jurídicos e médicos formulados sobre as suas práticas. Traziam assim, para o centro do debate sobre a homossexualidade novas questões. Sobre esse corpo buscou-se construir um novo saber para as homossexualidades na história do Brasil

“Mas um jornal homossexual, para quê?” (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1978, p. 2), perguntava o editorial da primeira edição, delineando a invenção histórica dos corpos homossexuais. Uma das razões era, como já foi expresso aqui, construir outra imagem do homossexual, agora não mais oculto nas trevas do silêncio que se lhes era imposto, mas iluminado pela luz do *Lampião*. O que se procurava inicialmente era abordar a situação do estigma social sofrido por eles, defender o direito de existir numa sociedade que sempre pretendeu negar-lhes a própria existência.

O primeiro editorial intitulado *Saindo do gueto* explicitava o propósito de derrubar as fronteiras que buscavam manter o corpo e a voz dos homossexuais à margem da sociedade civil organizada. Para os editores, tornava-se necessário sair das zonas obscuras, do segredo, do anonimato social.

Cabe lembrar que *Lampião* foi criado em momento de enfraquecimento da ditadura militar⁵, durante a presidência do general Ernesto Geisel (1974-

⁵ Com duração de 1964-1985, a Ditadura Militar no Brasil caracteriza um momento de repressão, censura, prisão e assassinato das oposições ao regime mesclado a um interstício de

1979) quando se iniciou o projeto de distensão política, lenta e gradual, a exemplo da revogação do AI-5, em 1978. Tal questão foi colocada em prática de modo mais efetivo pelo governo do general João Baptista Figueiredo (1979-1985), que permitiu ao governo conduzir o processo de abertura política, clamado cada vez mais intensamente pela sociedade civil organizada.

Foi naquele período que surgiu uma imprensa denominada “nanica”⁶, destinada a produzir impressos, geralmente com poucos recursos de produção, comparada aos grandes veículos de comunicação, a maioria em formato tabloide, tratando de temas ainda pouco debatidos, tais como *Pasquim*, *Ovelha Negra*, *Versus*, mas que ganharam as ruas das cidades brasileiras.

O grupo que fundou o *Lampião* apresentava-se como *Senhores do Conselho*, Eram eles: Adão Costa, jornalista e pintor, responsável pela tradução de textos do inglês para o português; Aguinaldo Silva, jornalista, com experiência na imprensa alternativa e autor de livros sobre assuntos policiais;⁷ Clóvis Marques, jornalista, tradutor e importante crítico de cinema; Darcy Penteado (1926-1987), artista plástico e escritor, “foi o primeiro intelectual brasileiro a defraudar publicamente a bandeira de luta contra a discriminação e o preconceito em relação aos homossexuais” (LAMPLIÃO DA ESQUINA, 1978, p. 2); Francisco Bittencourt, jornalista, escritor e crítico de arte, membro da Associação Internacional de Críticos de Arte (seção Brasil); Gasparino Damata,⁸ jornalista, escritor “com passagens pela diplomacia”; Jean-Claude Bernadet,⁹ crítico de cinema, professor com participação na imprensa alternativa; Antônio

avanço econômico, além do fim das eleições diretas para presidente da república. Sobre a campanha de censura durante esse período, consulte Fico (2009).

⁶ Imprensa nanica passava a caracterizar uma produção caseira e em menor escala, cujo objetivo geralmente era um público leitor específico. Em fins dos anos 1970, a imprensa nanica ainda se encontrava muito próxima dos grupos de esquerda. Ver: Albuquerque Júnior e Rodrigo Ceballos (In SCHPUN, 2004).

⁷ Aguinaldo Silva, natural de Carpina, Pernambuco, atualmente é muito conhecido como autor de novelas. Dentre os seus sucessos, destacam-se: Roque Santeiro (1985), Vale Tudo (1988), Tieta (1989), Fera Ferida (1993), Senhora do Destino (2004).

⁸ Do mesmo modo que Aguinaldo, Gasparino Damata era pernambucano de Catende, nascido em 1918. De infância humilde, precisou trabalhar para investir nos estudos. Em 1940, após concluir o atualmente Ensino Médio, transferiu-se para Recife. Sete anos depois, seguiu para o Rio de Janeiro, onde fixou residência, fazendo-se estudante de jornalismo e escrevendo para algumas revistas. Portanto, antes de ingressar no *Lampião*, tinha experiência no jornalismo. Ver: Damata (2007).

⁹ Nascido na Bélgica, Bernadet veio para o Brasil com treze anos de idade. Fez a sua formação superior na França e no Brasil e, ainda muito jovem, começou a escrever críticas de cinema para o jornal *O Estado de São Paulo*. Apesar de escrever ficção, seus principais títulos são acadêmicos e versam sobre cinema.

Chrysóstomo¹⁰; João Antônio Mascarenhas (1927-1998) advogado, jornalista e tradutor; João Silvério Trevisan, cineasta e escritor; Peter Henry Fry,¹¹ professor, com doutorado na Inglaterra, onde lecionou na Universidade de Londres. A sede do jornal ficava no Rio de Janeiro e era comandada por Aguinaldo Silva e a sucursal de São Paulo era comandada por Trevisan.

Quanto ao teor do discurso produzido, o que se percebe é que procuravam expressar-se em uma linguagem ambígua e leve. Conforme escreveu Francisco Bittencourt, o que se pretendia era produzir “um jornal que se quer engraçado e alegre, mas também sério em matérias fundamentais, como o direito ao prazer e à alegria de viver” (BITTENCOURT, 1980, p. 4). Alegre porque o homossexual até então havia sido condenado a viver na solidão e na tristeza, frutos do silêncio que se impunha à sua sexualidade. O que se propunha era discutir alegremente as rupturas necessárias para mudar essa situação adversa pelo debate público engajado.

Entretanto, *Lampião* não foi o primeiro jornal produzido por e para homossexuais no país. Na década anterior, entre 1963 e 1969 havia circulado *O Snob*, que revelava traços da homosociabilidade carioca, calcado no modelo das relações “bicha-bofe”. Esse modelo era conhecido das práticas homossexuais nos anos 1960. Segundo James Green (2000) os bofes não adotavam a identidade homossexual, exerciam o papel ativo na relação sexual, alguns tinham namoradas, mas não excluía relações com as bonecas. Essas, por sua vez, iam atrás dos seus bofes, mesmo sabendo que parte deles os deixaria para trilhar os caminhos da heterossexualidade. Na década seguinte circularam outros periódicos do gênero, como o *Bondinho*, em São Paulo, em 1970, o *Verbo Encantado*, na Bahia, e *Flor do Mal* e *Presença*, no Rio de Janeiro, ambos de 1971.

Lampião da Esquina diferenciava-se de seus antecessores, não apenas pela sua tiragem, pela sua periodicidade e pelo seu corpo editorial, mas, sobretudo, pelo discurso que procurava construir, trazendo à tona temas relacionados à sexualidade, para serem debatidos em sociedade, temas

¹⁰ Antônio Chrysóstomo, antes de trabalhar na imprensa alternativa, passou por maiores veículos de comunicação nos anos 1970, a revista *Veja* e o jornal *O Globo*, por exemplo.

¹¹ O inglês Peter Fry veio para o Brasil em 1970 como convidado para lecionar na Universidade Estadual de Campinas. Sua área de pesquisa é a política, religiões africanas e línguas africanas. Atualmente, segue na vida como professor universitário da UFRJ.

entendidos, até então, como inapropriados para um periódico considerado sério.

A Ditadura Militar no Brasil recorrendo à violência e à censura instituiu a exclusão e eliminação de diversos corpos que se opuseram ao regime, à medida que se preocuparam em fazer funcionar um biopoder que tratasse os opositores da ditadura e os *desviados* do padrão normal, incluindo os homossexuais como vidas sem importância, vidas quaisquer, vidas que tiveram os seus direitos suspensos, o que Giorgio Agamben chamou de *vida nua*¹² (2012).

Naquele período da história do Brasil, os homossexuais também fizeram parte da exceção do Estado. Este, por sua vez, desejava corpos submissos, corpos que confirmassem o ideal de progresso do “Brasil: ame-o ou deixe-o”, corpos em harmonia com o padrão de família nuclear; os corpos desejados pelo Estado estavam distante daqueles moldados discursivamente no *Lampião*, sobretudo porque o jornal colocava nas ruas não apenas uma política de direito ao corpo, mas também de autodefesa, uma vez que os homossexuais já eram vítimas da violência física.

Cartas enviadas aos editores não deixam dúvidas sobre a percepção dos leitores. Um deles escreveu que achava “os artigos variados e ao gosto de todos. É realmente o jornal de que estávamos precisando” (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1979, p. 19); para outro era “realmente um prazer tomar conhecimento que há uma revista com um conceito tão bom quanto o *Lampião*” (CANADÁ, In: LAMPIÃO DA ESQUINA, 1979, p. 18). A seleção de textos escolhida pela redação sugere a boa acolhida daquelas páginas por corpos de todo país, desejosos em encontrar um discurso que falasse mais sobre si mesmos, que os retirassem do espaço de saber do senso comum, que falassem de territorialidades onde o corpo pudesse desfrutar de desejos.

§

Foi no entremeio das décadas 1970-1980 que se disseminou discursivamente os corpos homossexuais dotados do direito de se reformular e se recriar ao longo das edições do *Lampião*. Essa emergência tem base

¹² Para maiores informações, consultar Agamben (2012).

diversificada. Ela só ocorreu devido ao abrandamento da censura; ao retorno de intelectuais exilados; à criação de uma imprensa alternativa; à contestação dos valores da família nuclear através do uso de anticoncepcionais; da discussão sobre o aborto; da inserção da mulher no mercado de trabalho; e pelas novas teorias do conhecimento, vindas especialmente da França, país que recebeu muitos exilados brasileiros em decorrência do golpe de 1964.

Para entender a trajetória deste corpo na cena social do país há de se considerar os discursos formulados no mensário, apontando na direção da questão da fabricação discursiva dos corpos homossexuais, e de que forma os enunciados se referem à problemática do corpo.

Observemos o artigo *Nossas gaiolas comuns*:

A primeira tarefa parece ser então a que está sendo muito lentamente tentada nos bares, nos cinemas (na tela e fora dela), nas universidades, nos pequenos jornais onde essas tentativas se expressam, na vida de todos os dias: a de tornar possível o que todos veem mas que permanece na sombra, a de nomear a voz alta o que todos conhecem mas sobre o que se calam. Em suma, comparando experiências concretas, *concentrar e definir um conhecimento difuso e vago, mas ainda assim uma forma de saber sobre nós mesmos – seres individuais e sociais – que todos possuímos*. Esta não é uma tarefa tão fácil como poderia parecer à primeira vista. Em primeiro lugar, porque temos o hábito de nos deixar pensar por outros e, depois, porque é só no momento de experimentar as definições que começam a surgir as múltiplas possibilidades de cercá-las. Cada um tem seu próprio mapa do caminho a percorrer. Como desvendar as diferenças, sem transformá-la em marcas de desigualdade? Como organizar uma fala sobre o específico que não ignore o geral? (MARIZA, In O LAMPIÃO DA ESQUINA, 1978, p. 5 [grifos nossos]).

Aqui se encontra um significado constante em toda a produção do periódico, a construção de uma identidade. Mariza, de quem só sabemos ser colaboradora da edição, atribui o título do texto, *Nossas gaiolas comuns*, ao poema “Mulher vestida de gaiola”, de João Cabral de Melo Neto, que também compõe a página. Este artigo, publicado no segundo número do periódico, deseja ainda esclarecer ao público alguns objetivos do *Lampião*, o que se atesta pelo uso do pronome possessivo na terceira pessoa, *nossas*. Tenta-se criar um canal de conexão com o leitor, atraí-lo, persuadi-lo, convidá-lo. Os verbos e a

arquitetura do discurso acima explicitam a ideia de se criar um *nós*, recorrendo à seguinte estratégia: falar de si, valendo-se de outros significados.

Deseja-se criar um conhecimento do indivíduo e do social, tarefa complicada, segundo a continuação do texto, e da qual as homossexualidades “que começa a definir-se claramente, tem importância para iluminar a problemática mais geral da sexualidade humana”. Isto é, os corpos homossexuais na sua construção histórica passavam a ser dotados de uma importância geral, ou seja, esclarecer aspectos relacionados à sexualidade que fugisse dos ditos padrões biológicos. Com isso, realizava uma análise crítica da sua condição de opressão bem como da própria sociedade.

Tais posições aproximam o texto da contestação social dos negros e especialmente das mulheres. Sem deixar de negligenciar uma luta maior que deveria envolver diversos grupos igualmente chamados “minorias”, o discurso do *Lampião*, ao fazer essas conexões, espera ainda se destinar a outros debates, não ficando circunscrito apenas aos homossexuais. Ao ser colocado na segunda página, o texto de Mariza não se encontra somente num lugar de destaque na arquitetura do impresso, toma toda a página. Trata-se de um assunto que exige atenção e destaque demarcando um pacto de leitura importante na construção de um novo saber sobre o corpo, o corpo que também busca um lugar, o de ser aceito.

Na dissertação ‘... *E havia um lampião na esquina*’- *Memórias, identidades e discursos homossexuais no Brasil do fim da ditadura (1978-1980)*, Almerindo Cardoso Simões Júnior, defende que o jornal foi responsável por uma “(re)afirmação homossexual”, tentando circunscrever os processos de construção dessa identidade. Ao tomar a fonte como lugar de memória (NORA, 1993), opera uma divisão dos anos de vida do jornal, em temáticas: 1978, a afirmação de uma identidade homossexual; 1979, o homossexual político; 1980, o movimento homossexual organizado.

Construiu-se, a partir dos discursos do *Lampião*, um saber sobre as homossexualidades que perpassava várias esferas da cultura. Incursionava-se pelo machismo, trazia a heterossexualidade para o debate e se preocupava com uma educação sem preconceitos. Este saber a respeito das homossexualidades aparece na construção de abordagens pouco tratadas em publicações no Brasil.

Longe de ser anormal, o homossexual não se fixa apenas nos seus desejos, ele luta por um lugar social, para a inclusão na sociedade dessa categoria distante das normas construídas socialmente como corretas.

O *Lampião*, ao formular um discurso a respeito dos desejos homossexuais efetua diálogos com o grupo *Somos*¹³ (Grupo de Afirmação Homossexual), criado pouco depois do *Lampião*, em 1978. Preocupado com a luta política pelo fim do preconceito, *Somos* era uma associação que pensava maneiras de ação política, debatia textos sobre sexualidade e respondia cartas a eles enviadas falando do medo e do temor que precede a confissão da homossexualidade, bem como das consequências negativas dessa experiência.

Anteriormente, houve outros grupos preocupados em discutir o tema da homossexualidade. Em 1976, por exemplo, João Silvério Trevisan organizou um deles que contava com poucas pessoas e teve duração efêmera. Uma das razões para o rápido fim do grupo estava na não aceitação da homossexualidade, vendo-a como uma prática anormal.

Em abril de 1978 a revista *Versus*, então sob controle da organização trotsquista Convergência Socialista sediou uma reunião para debater assuntos políticos, na Semana do Movimento da Convergência Socialista. No dia destinado a debater a imprensa alternativa, estava lá um representante do *Lampião*, cuja primeira edição tinha saído naquele mês. Mas a equipe da Convergência Socialista, julgando a presença de assuntos homossexuais pouco relevantes, alegou que não conseguira entrar em contato com representantes do *Lampião*.

Escreveu-se uma carta protesto em relação ao ocorrido e a discussão sobre homossexualidade e política ocorreu ainda no evento em meio ao preconceito dos organizadores do encontro. Para MacRae (1990), a importância desse acontecimento está na primeira atitude de discussão política em torno da homossexualidade.

¹³ O Núcleo de Ação pelos Direitos Homossexuais assumiu protagonismo em fevereiro de 1979, ao participar da semana de debates dos movimentos emancipatórios, organizados pelo curso de Ciências Sociais da USP. Lá o grupo foi rebatizado como *Somos*. Além do mais, era um palíndromo sugestivo do “assumir a homossexualidade” e que iria ser uma característica forte do movimento. Ver: MacRae (1990).

Verifica-se o começo de uma militância organizada por homossexuais. Com as informações sobre encontros e associações divulgadas no *Lampião*, vemos a ligação entre ele e o grupo. Indiscutivelmente os corpos homossexuais elaborados no jornal estavam preocupados com a questão política das suas sexualidades. Ao trazer notícias de algumas reuniões organizadas por e para homossexuais a produção discursiva do *Lampião* tinha um objetivo, politizar esse corpo.

Se o jornal cobria eventos como esses, é porque havia uma intenção clara de construir uma conscientização homossexual. Os textos elaborados tratando dos corpos homossexuais investem no direito ao prazer, ao desejo, bem como na luta e combate por esses valores. Era uma elaboração que se fazia lançando mão de recursos linguísticos, como a ironia e a sátira, construção que articula militância e alegria, uma luta apaixonada pelos seus ideais.

Leila Mícolis falou das emoções provocadas por ocasião do Primeiro Encontro dos Homossexuais Militantes: “Emoção, sim. Tinha pessoas emocionadíssimas, juro que vi com esses olhos que a terra há de comer. Era tanta a alegria pela reunião, que até gente doente, com febre e tudo, estava presente para prestigiar”. Tais sensibilidades parecem ir ao encontro de uma reflexão de Foucault, lembrada pela historiadora Susel Oliveira da Rosa: “não imagine que precise ser triste para ser militante, mesmo que a coisa que se combata seja abominável. É a ligação do desejo com a realidade (e não sua fuga, nas formas de representação) que possui uma força revolucionária” (ROSA, 2013, p. 241). Os escritos do jornal estavam preocupados em modelar os corpos homossexuais com objetivos revolucionários e contestatórios.

Denise Bernuzzi de Sant’Anna ao indagar se é possível uma história do corpo, chama atenção para o fato de este permear ora a geografia do biológico ora a do simbólico. Assim, para esta autora o corpo é biocultural. Devido à dimensão e à ambiguidade do tema, aconselha-nos: “é viável realizar investigações sobre algumas das ambições de governá-lo e organizá-lo conforme interesses pessoais ou coletivos” (2004, p. 4). Sant’Anna reflete, especialmente, sobre parte do século XX momento em que se deu a tentativa dos indivíduos em libertar os corpos dos vínculos que o prendiam no passado, a vínculos religiosos, morais e genéticos.

Os efeitos dos discursos do *Lampião*, pleiteando a liberdade do corpo, chegaram aos estudantes da Faculdade de Psicologia de Itatiba, no Estado de São Paulo. O resultado foi um convite formal para que homossexuais pudessem participar de um debate sobre a disciplina de Psicopatologia Clínica que tratava de uma *doença* chamada homossexualismo. A matéria divulgada explicita a importância do *Lampião* e de grupos a exemplo do *Somos*, na busca por modificar a visão patológica da homossexualidade. Os homossexuais que ali estavam foram tratados com respeito conforme se percebe diante da advertência colocada no anteceder da apresentação: “aqueles que se comportassem de modo inconveniente seriam retirados do auditório” e durante a fala os militantes mostraram que “a homossexualidade é um dado normal e nosso objetivo básico é a luta pelo direito à nossa sexualidade” (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1979, p. 2).

Essa matéria, por sua vez, consta no começo da edição 14 e é de autoria do Grupo *Somos*, mostrando a relação de proximidade entre ambos. Os discursos preocupados em conferir legitimidade aos corpos homossexuais no fim da ditadura dialogam com seus contemporâneos, estabelecem relações com grupos militantes e garimpam seus discursos objetivando a formação de uma linguagem elaborada pelos homossexuais.

O saber sobre os corpos homossexuais moldado pelo *Lampião* adquire relevo em seções de opinião - leia-se artigos de opinião - cuja estrutura consiste na exposição de pontos de vista e argumentos sobre quaisquer temas, objetivando o convencimento do leitor. Opor-se ao autoritarismo era apenas uma das metas do homossexual brasileiro no transcorrer dos anos 1970-1980.

A gente aplaude (e continua apoiando) o começo do fim do autoritarismo e da ditadura. Porém, a gente quer mais. Não nos basta essa água morna e parada, esse não trepa nem sai de cima. A gente quer é mais. Muito mais. A gente quer é Liberdade de viver, comer, trabalhar, descansar, morar, ter saúde, estudar, transar. A gente quer que todos sejam realmente iguais, verdadeiramente livres. A gente quer uma sociedade igualitária sem injustiças. A gente quer é poder ser humano. [...]. Não estamos formando guetos não, nem fugindo da luta comum a todos os seres humanos. Somos contra o gueto e somos lutadores (CARNEIRO, 1980, p. 2).

Nesse sentido, rompia-se uma hierarquia e se invertia uma norma discursiva que descrevia os homossexuais como indivíduos perversos e que

pensam apenas em sexo. O jornal trata de diversos temas da época. Vibrava-se com a redução do autoritarismo tanto na vida cotidiana quanto nos meios de comunicação, buscava-se romper com o passado das homossexualidades inscrito nas páginas da Medicina e da Justiça. Vejamos que embora o tema do texto seja a questão *guei* por excelência, há momentos de conexão com um debate maior, o tema da anistia.

Porém, esse texto escrito por um representante do Grupo Somos/RJ, João Carneiro, é também um manifesto, é uma reivindicação, traz uma exigência, diz “ao que se veio”. A liberdade pleiteada, a liberdade escrita com “L” maiúsculo, característica não neutra, aponta na direção das homossexualidades fora do segredo, manifestando-se em sintonia com a contestação do momento, combatendo injustiças e lembrando, em certa medida, *O discurso da esperança*, de Harvey Milk (1930-1978), conhecido militante homossexual norte-americano, pronunciado dois anos antes e dotado de um cunho prioritariamente político para as questões homossexuais.

É pertinente destacar que as palavras, os textos do jornal, em toda a sua trajetória, 1978-1981, o fragmento acima igualmente, são analisados e pensados aqui de forma fenomenológica e não epistemológica. E justamente por isso, nada precede as palavras; o campo do visível e do enunciável, no qual elas se exercem, é próprio para cada formação histórica. As palavras formulam o saber que formam, constroem, inventam. Elas não se separam da sua historicidade, dos valores dos quais são contemporâneas, distribuem-se em vários espaços, ocupam e preenchem telas em branco e transformam outros espaços já marcados por saberes de escritos anteriores (DELUEZE, 1998).

No final dos anos 1970, portanto, as homossexualidades ganhavam espaço nos debates e estudos acadêmicos, aos poucos saíam do campo da medicina para se tornar objeto de estudo em debates sociológicos e antropológicos. Naquele momento se falou do corpo homossexual, inscrevendo-o em outros saberes, efetuando sobre eles uma escrita de autoria própria.

Estes corpos são, portanto, uma máquina de guerra posto que abalam modelos e padrões institucionalizados, colocando algo novo em ação,¹⁴ mas também uma máquina imagético-discursiva de rupturas com as

¹⁴ Para ver mais, consultar: Deleuze e Guatarri (2012).

homossexualidades centrada nos becos da noite, no anonimato, na apatia política. Ela se ilustra, agora, no combate com um passado sem existência e voz própria, um passado de *scientia sexualis*, ou seja, com regras e leis a gerir os corpos dos indivíduos, conforme passou a existir no século XIX (FOUCAULT, 2009); um passado sem direito ao corpo físico, ao corpo privado, ao corpo público, sem direito a um saber que parta de si. Por isso, quebrar instâncias diversas relacionadas às homossexualidades consistiu-se numa das principais tarefas do *Lampião*.

Mas que coisa é essa, *o homossexualismo* (maneira como frequentemente o termo aparecia)?, questionava Darcy Penteado

Pelo menos, uma coisa é certa e relevante: os psiquiatras modernos, na impossibilidade de curar (?), trabalham no sentido de ajustar os pacientes à sua homossexualidade, o que já é tarefa difícil, considerando as barreiras da sociedade de predominância heterossexual, que tem obrigado o homossexual em viver em mutismo a sua verdade, o circunscrito aos limites do “gueto” da tolerância coletiva. Por essa razão a maioria dos homossexuais tem desejado ser “normal” e durante toda a vida recalca e esconde seus sentimentos verdadeiros, numa tentativa de condicionamento nessa “normalidade”.

Mas... sob o ponto de vista psicológico, será o homossexualismo um mal à sociedade? Os da linha dura do machismo e da desinformação dirão que sim: “são uns imorais”, “são desequilibrados mentais”, “são anormais” etc. Mas o que é normal? Consulto o pequeno Dicionário da Língua Portuguesa: Normalidade – qualidade em estado de Normal. Normal – que é seguido a norma. Norma – regra, modelo, preceito, lei. Recorro então ao padre católico, médico e sociólogo francês Marc Oraison e no seu livro “La questionhomosexuelle” encontro “Mas de que lei falamos?... Toda cultura é fundada, em efeito, sobre uma certa representação do homem e dos seus relacionamentos com o mundo, e aquele que não se assemelha a essa representação é chamado anormal. Mas essa “lei cultural” é normativa, o mesmo que dizer imperativa: ela obriga a ser “normal” para que o indivíduo encontre seu lugar na cultura em questão”. (...)

Como ficamos então, em relação ao homossexualismo? Por que a questão está aqui, agora, palpitante e presente! As rejeições e as desculpas que a nossa sociedade cultural usou anteriormente como estacas de sustentação, estão podres e desmoronando, desde que a medicina e psiquiatria não têm mais aqueles elementos que ela sempre usou para seu apoio e acomodação.

Quando Marc Oraison conclue no seu livro que “o homossexualismo é um fato”, está a meu ver constatando uma verdade que até agora a sociedade tentou manter adormecida; mas essa constatação é conformista, porque ela apenas estabelece um marco, um limite. E os limites devem ser

transpostos, quando a área delimitada não oferece razões e condições de subsistência.

Mais do que um fato, o homossexualismo é condição humana. E como tal, mesmo sendo atributo de uma minoria, está exigindo o seu lugar atuante numa sociedade, com o direito de uma existência não mistificada, limpa, confiante, de cabeça levantada. Porque só a tolerância, como foi dada até agora, não obrigado! É muito pouco (In LAMPIÃO DA ESQUINA, 1978, p. 2).

Por funcionar como editorial, o artigo de Darcy Penteadado se aproxima de uma opinião (com)partilhada entre os demais integrantes do grupo do jornal. Com isso, identificamos não apenas relatos de um passado. Ali está a opinião de quem transmite concepções sobre as homossexualidades.

O texto narra problematizações acerca das teorias da sexualidade indicando que há algum tempo era considerada doença pela medicina. Narra igualmente certa psiquiatria moderna a tratar não mais do *problema* da homossexualidade, mas sim da sua aceitação, de tratar o homossexual para que lide bem com seus desejos.

O artigo de Penteadado desenha um corpo homossexual como aquele atento com as interpretações e explicações a respeito do seu desejo, com posições teóricas acerca dos seus afetos, procurando entendê-los culturalmente, fruto de um conjunto de elementos que partem do social. Mas se apossa deles na tentativa de efetivar outra gramática, a das regras de si, como um grito dos seus *quereres*. Isto explica, de certa forma, uma das razões do impresso, criar um homossexual com direitos e deveres.

A arquitetura do texto de Darcy Penteadado buscava abrir um diálogo com outras áreas de saber como a sociologia e da ciência médica. Assim, estamos diante de um editorial que contesta o passado dos homossexuais, marcado por silenciamento e que passam a explicar a homossexualidade centrada em bases culturais.

Esse discurso define os homossexuais na medida em que enumera significados da sua gramática afetiva, valendo-se de um grito de alerta, um grito que parece dizer “estamos aqui”, um grito a solicitar o direito de exercer publicamente as homossexualidades. Tal direito se manifestaria numa “existência não mistificada, limpa, confiante, de cabeça levantada”. Há também um grito mais alto, parece ecoar periódico adentro, que aflora em outros

momentos. Grita-se, não! Não à tolerância, porque essa ideia se vale da noção de não se importar com o outro, a tolerância parece mesmo sugerir que o problema não existe e, desse modo, apenas se tolera. Querer-se-ia a aceitação de si, dos corpos homossexuais, dos desejos desses corpos.

O combate ao preconceito realizou-se, por exemplo, em ataques aos programas televisivos. O que antes parecia apenas um motivo para o riso, inverte-se e vira pauta na discussão de como as homossexualidades vinham sendo abordada na mídia, sobretudo na Rede Globo. Assim, o *Lampião* destina uma página inteira da sua edição para tratar do programa “Os trapalhões” numa reportagem que contou com imagens dos humoristas Renato Aragão e Dedé Santana. A matéria declarava:

O suprassumo da inocência praticada contra os homossexuais concentra-se no programa Os trapalhões, onde a trupe ignóbil de Renato Aragão apresenta a única imagem do homossexual que o sistema admite que seja divulgada: a da bicha louca, histérica e doentia. As Carmens Mirandas, tão bem interpretadas por estes “bobos da corte”, reforçam o conceito patológico de que todos os homossexuais têm uma grande fixação em tornarem-se mulheres, uma generalização perigosa. Levando-se em conta que Os trapalhões é assistido por um público exclusivamente infantil e adolescente, que desde cedo é forçado a assimilar os dogmas da sociedade machista, contribuindo assim para a perpetuação da moral do sistema, concluímos que: tal violentação e indução a práticas sexuais de que tanto somos acusados de praticar contra as crianças, não passa de um argumento falacioso, pois na realidade são os heterossexuais que aliciam e violentam as crianças em nome de suas práticas tidas ‘normais’. E além da televisão, seu melhor precursor, como não poderia deixar de ser, é a tão consagrada família, grande responsável pela reprodução da ideologia dominante (MOREIRA, In LAMPIÃO DA ESQUINA, 1980, p. 11).

A leitura do fragmento acima busca chamar a atenção do leitor para a necessidade de fabricar corpos homossexuais que percebam as maneiras pelas quais alguns veículos vêm tratando a questão. Uma das estratégias utilizadas pelo programa na tentativa de levar o riso é a bicha-louca, personagem caricaturada em *Os trapalhões*¹⁵. Esse modelo da bicha louca e histérica,

¹⁵ “Os Trapalhões”, programa humorístico brasileiro, foi exibido na Rede Globo a partir de março de 1977, ia ao ar aos domingos, antes do Fantástico, exibido até hoje. O riso ficava por conta de Didi Mocó (Renato Aragão), Dedé Santana, Zacarias e Mussun¹⁵. Porém, antes disso, o

divulgado no jornal *O snob* (1963-1969), em 1968, ocorre devido à associação do homossexual com a figura da mulher, cujo estereótipo de histeria também é conhecido. Assim, na época, o objetivo da bicha-louca é assimilar características percebidas como femininas. Tal característica no texto humorístico vira deboche, riso, piada, escárnio, desdém. *Os trapalhões* ensinam a rir da homossexualidade porque o riso é um fenômeno determinado pela cultura e “o humor quase sempre reflete as percepções culturais mais profundas e nos oferece um instrumento poderoso para a compreensão dos modos de pensar e sentir moldados pela cultura” (DRIESSEN, In BREMER e ROODENBURG, 2000, p. 251).

Passava-se a vivenciar outro comportamento da homossexualidade no que concerne aos afetos e na relação com a sociedade. Isso significa uma modificação acentuada do padrão binário do homem e mulher, o bofe e a bicha, o ativo e o passivo que vai cedendo lugar ao heterossexual e ao homossexual. Ocorriam mudanças sensíveis nas relações heterossexuais e também entre casais heterossexuais “onde se desloca a ênfase dos detalhes do ato sexual (quem penetra quem) para o relacionamento visto de maneira mais abrangente, isto é, só importa com quem o indivíduo se relaciona, se com pessoas do seu próprio sexo ou não” (MACRAE, 1986, p.68).

Tomar a construção de um saber da homossexualidade através do corpo seja no debate acadêmico ou social, não é vê-lo como construção neutra. Pelo contrário, seu desenvolvimento traz em si imagens e enunciados, fruto de várias estratégias de poder que se cruzaram historicamente.

Por outro lado, ao denunciar as torturas, humilhações e assassinatos de homossexuais, o jornal também contribuía para a inserção dos homossexuais na sociedade. Se antes, crimes desse tipo recebiam pouca ou nenhuma atenção da mídia, com o *Lampião*, tais casos ganharam um espaço onde eram relatados, e se discutia a impunidade dos criminosos e a falta de providências da Justiça. Segundo dados do Grupo Gay da Bahia (GGB), o número oficializado de mortes de homossexuais entre 1970-1979 foi de quarenta e uma pessoas¹⁶, estimativa

programa já era exibido na TV Tupi. Para fazer rir, eles satirizaram os idosos, as mulheres e os homossexuais, o riso parecia nascer dos *problemas* dos outros. Então, passa a haver uma crítica a essas produções humorísticas, mas também aos padrões sociais das relações entre gêneros.

¹⁶ Ver: <http://homofobiamata.wordpress.com/estatisticas/relatorios/>. Acesso em 20 abr 2016

que pode ter sido maior, uma vez que não ganhavam a devida atenção da polícia e de parte significativa dos segmentos midiáticos.

O *Lampião* abraçava “a necessidade de assumir o prazer como um dos direitos fundamentais do homem”. Havia uma proposta do jornal em quebrar os discursos ditos da moral e dos bons costumes. No projeto de defender outras minorias, realizaram uma atividade inovadora na imprensa, o apadrinhamento do desejo combatendo o anonimato das homossexualidades:

Por causa deste silêncio é que se criaram, e vêm sendo mantidos, muitos mitos em relação ao homossexualismo. Um deles, que este jornal desde o começo pretende desmoralizar, é aquele segundo o qual os homossexuais são criaturas pervertidas, sempre dispostas a corromper e a aliciar; se o homossexual vive grande parte de sua vida nas sombras, não é que ele goste disso; é que lhe foi imposto; se ele compensa sua insegurança e sua instabilidade transformando-se às vezes em uma caricatura do que a sociedade lhe apresenta com padrões ideais – é o caso do sapatão e da bicha louca – não é porque isso lhe seja natural, mas sim, porque nem sempre ele é capaz de resistir às pressões, sucumbindo aos que rejeitam sua preferência sexual como apenas mais uma das formas através das quais se manifesta o esforço humano. A este respeito é sempre bom citar os especialistas; lembremos Charlotte Wolff, da British Psychological Society, que falando sobre o comportamento dos homossexuais mais pintosos, escreveu: ‘Convém lembrar que as reações psicológicas exageradas, neuróticas ou não, são consequência dos agravos passados’. Numa tentativa de evitar que estes agravos se perpetuem é que LAMPIÃO veio à luz (SILVA, In LAMPIÃO DA ESQUINA, 1979, p. 5).

A ordem do discurso acima indica uma preocupação, tanto no seu aspecto de defesa quanto no aspecto combativo. Sua produção demarca um lugar importante nos objetivos do periódico dado ter sido assinado pelo editor-chefe. Sem dúvida, a sua escrita é permitida em meio à efervescência cultural contestatória da ditadura, e a uma produção intelectual no Ocidente que, ao abordar as homossexualidades, visava a aceitação desse grupo.

O novo corpo homossexual é possível através de um conjunto de enunciados e agenciamentos que se aglutinam numa formação discursiva, incluindo um comum nas homossexualidades, o seu cotidiano, as questões de lutas diárias, o direito de existir, de dizer sim à existência, de trazer para o

debate traduções de artigos de psicólogos e estudiosos da homossexualidade, da preocupação com as DSTs do momento.

O surgimento de todos esses discursos significa que em dado momento da história do Brasil, na passagem dos anos 1970-80, foi lícito se gestar uma série de discursos capazes de elaborar uma imagética singular, até então, para as homossexualidades. Falar de travestis, dos michês, da masturbação consistiu numa estratégia de tocar nos temores e sonhos dos sujeitos homossexuais. Dialogar com o movimento indígena (SANTOS, In LAMPIÃO DA ESQUINA, 1979, p. 5), negro (NASCIMENTO, In LAMPIÃO DA ESQUINA, 1979, p. 10) e feminista (SANTOS, In LAMPIÃO DA ESQUINA, 1979) também não foi à toa, falava-se de si, mas simultaneamente dos outros, todos juntos constituíam a grande luta, luta das minorias, dizia a imprensa da época. Os discursos indicam que os gays podem falar, conforme a capa de uma das edições, na imagem 01.

Imagem 01:



Lampião da Esquina, nº18, Rio de Janeiro, novembro de 1979, capa.

Na edição de novembro de 1979, uma afirmação aparecia como chamada de capa: “Povo gay já pode falar”. A frase confirma que com o *Lampião* as homossexualidades passam a formular um discurso próprio, diferentemente do que lhes ocorria anteriormente, quando eram formulados por outros campos de saber, a exemplo da religião e da medicina.

Ora, os corpos reivindicam liberdade, desejos, volúpias; um corpo não podia–esperar para ter um orgasmo. Não deviam mais esperar no gueto, não deviam esperar com medo, seja da polícia seja da política, e à medida que esse discurso vai moldando o corpo homossexual, alertando-o sobre a possibilidade de viver seus desejos, o país avançava na luta pela redemocratização.

§

A leitura do *Lampião da Esquina* revelou aspectos relevantes da busca de visibilidade da questão homossexual e combate à visão preconceituosa e estereotipada das homossexualidades até o final da década de 1970.

Deveras importante registrar a riqueza desse corpus documental para a compreensão de várias questões relacionadas às temáticas de sexualidades, corpos, gênero e período militar brasileiro. Inerente à miríade de assuntos tratados no jornal, elegi aqueles que apontam na construção de um novo discurso sobre as homossexualidades que se fundamentou no corpo, ou melhor, na potência acionada por aqueles corpos através da linguagem, das notícias, matérias, reportagens, capas, assuntos, enfim, ali presentes.

É possível supor, diante da sua tiragem e da importância que lhe é atribuída nos estudos sobre homossexualidades no país, alguns efeitos do seu desfecho:

- Colocou na ordem do dia um tema silenciado na sociedade brasileira, as homossexualidades propondo uma nova abordagem, muito distinta daquela construída pela Medicina e pelas religiões;
- Colaborou significativamente na abertura do movimento homossexual brasileiro, uma vez que noticiou atividades realizadas por vários grupos de militância que sucederam o seu lançamento;
- Seu significado na história da imprensa gay por atrelar técnicas de impressão sofisticadas ao seu tempo e a assiduidade com a qual chegou aos leitores, diferindo de periódicos antecessores;

- A importância como fonte e/ou objeto na história das homossexualidades no Brasil.

Preliminarmente, este último item faz pensar em uma questão urgente já discutida por Elias Veras e Joana Maria Pedro (2015): a ausência de pesquisas sobre as homossexualidades no Brasil, notadamente na área da história, meu lugar de fala. Este tema faz parte não somente dos estudos das sexualidades, mas também do gênero (GOIS, 2003).

De pronto, pensando com Joan Scott (1990), trata-se de perceber como o gênero dá sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico. O gênero se articula de maneira relacional, ou seja, uma reflexão sobre as mulheres implica necessariamente questionamentos sobre o homem e vice-versa. Pensando nesse sentido, o conceito de gênero permite uma história das mulheres, mas também dos homens, das mulheres e dos homens, das mulheres entre si, dos homens entre si, de interssexos, de não-binários.

Em 1999, a antropóloga Maria Luiza Heilborn publicou o texto *Estudos de gênero no Brasil (1975-1995)*, refletindo a inserção dos estudos de gênero no campo da sociologia. Heilborn divide os estudos de gênero no Brasil em três categorias: gênero e trabalho; a violência como área de investigação; estudos sobre sexualidade. Nas trinta páginas do seu importante artigo, poucas linhas sobre as homossexualidades e as pesquisas de alto impacto sobre o tema – não posso me esquivar de mencionar Carmem Dora Guimarães, Edward MacRae, Peter Fry, Nestor Pelonger, apenas para citar alguns – mereceram apenas uma única nota de rodapé.

Predomina na academia brasileira a ideia de que gênero significaria apenas os estudos sobre as mulheres. Nesse sentido, revistas acadêmicas, notadamente na área da história, têm oferecido pouco lugar a estudos que versem sobre o passado das homossexualidades. Outros dois exemplos nesse sentido foram o Congresso da Associação Nacional dos Professores Universitários de História (ANPUH), ocorrido em Natal em 2013 em que, entre os cento e quarenta e sete simpósios temáticos, apenas três mencionavam a abordagem de gênero no título e nenhum deles trouxe explícita a referência a temáticas gays.¹⁷ E, *last but not*

¹⁷ Os dados podem ser conferidos em: <http://www.snh2013.anpuh.org/simposio/public>.

least, no prêmio Construindo a Igualdade de Gênero poucas vezes temas homossexuais, incluindo aqui o universo *trans*, foram contemplados.

Estas questões, à guisa da conclusão, apontam que a história das homossexualidades no Brasil ainda são uma lacuna e este texto colabora para suprimi-la. Se hoje é inimaginável pensar em uma publicação homossexual, não erótica, tratando de temas, como mostramos, tão relevantes, opondo-se à ditadura militar da época, ao assumir, a luta pela lei da anistia, naquela época quase foi tarefa impossível.

Fabricar discursivamente corpos homossexuais que compreendessem os seus desejos, por meio de uma nova gramática exposta nas páginas do *Lampião*, serviu de efeito para uma série de reivindicações alcançadas nas décadas seguintes.

Certamente, colaborou nessa batalha a construção de percepções que ajudassem as homossexualidades a se perceberem como vítima do machismo, do preconceito, de uma série de discursos normatizadores e de combate ao assassinato de homossexuais.

Visitar as páginas do *Lampião da Esquina* pode ter uma utilidade política particularmente estratégica na fabricação de novas maneiras de viver o desejo por pessoas do mesmo sexo, ou, pelo menos, da liberdade de apenas vivê-lo, sobretudo num momento em que avançam as cifras de crimes por homofobia no Brasil.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado. Bauru: EDUSC, 2007.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de; CEBALLOS, Rodrigo. “Trilhas urbanas, armadilhas humanas: a construção de territórios de prazer e de dor na vivência da homossexualidade masculina no Nordeste brasileiro dos anos 1970 e 1980”. In: SCHPUN, Mônica Raisa. **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo, 2004.

BANDEIRA, Marcio Leopoldo Gomes. **Será que ele é?** Sobre quando o Lampião colocou as Cartas na Mesa. 2006. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

BRASIL. **Atos institucionais**. Legislação Histórica. Legislação. Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br/legislacao/legislacao-historica/atos-institucionais>. Acesso em: 23 fev. 2014.

BITTENCOURT, Francisco. “Deus nos livre do “boom gay””. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, abril de 1980, p. 4.

BIXÓRDIA. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, outubro de 1978, p. 12.

CANADÁ, Sandra. “Simone ocupada”. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, novembro de 1979, p. 18.

CARNEIRO, João. Esquerda, direita, um dois. **Lampião da Esquina**, n. 23. Rio de Janeiro, abril de 1980, p. 2.

CERTEAU, Michel de. “A Operação Historiográfica”. In: **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

DEL PRIORE, Mary. “A história do Corpo e a Nova História: Uma autópsia”. **Revista de História**, São Paulo-USP, 1994, p. 48-55. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26974>. Acesso em: 01 jan. 2004.

DELEUZE, Gilles. Um novo cartógrafo. In.: _____. **Foucault**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1998.

_____ e GUATARRI, Felix. **Mil Platôs, capitalismo e esquizofrenia**. V. 3. São Paulo: Editora 34, 2010.

DAMATA, Gasparino (Org.). **Antologia da Lapa**. Rio de Janeiro: Desiderata, 2007.

DRIESSEN, Henk. In: BREMER, Jan e ROODENBURG, Herman (Orgs.). **Uma história cultural do humor**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

FICO, Carlos. “Represión durante la ditadura militar brasileña (1964-1985): violência y pretensión pedagógica”. **Revista de Estudios Latino-Americanos**, v, 1, p. 17-41, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade volume 1: A vontade de saber**. São Paulo: Graal, 2009.

_____. “Nietzsche, a genealogia e a história”. In: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

GOIS, João Bôsko Hora. “Desencontros: as relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 289-297, 2003.

GREEN, James. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: UNESP, 2000.

GRUPO Somos. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, julho de 1979, p. 2.

HEILBORN, Maria Luiza ; SORJ, Bila . Estudos de gênero no Brasil (1975-1995). In: Sérgio Miceli. (Org.). **O que ler na ciência social brasileira**. São Paulo: Sumaré, 1999, p. 183-221.

Jornal Visão, 17 de abril de 1978

LAMPIÃO DA ESQUINA. O conselho editorial. Saindo do Gueto. Rio de Janeiro, abril de 1978, p. 2.

_____. Alone. Rio de Janeiro, outubro de 1979, p. 19.

LUCA, Tania Regina de (orgs). **O historiador e suas fontes.** São Paulo: Contexto, 2012

MARIZA. Nossas gaiolas comuns. **Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, maio de 1978, p. 2.

MacRAE, Edward. **A construção da igualdade:** identidade sexual e política no Brasil da “abertura”. Campinas: UNICAMP, 1990.

_____. “A homossexualidade”. In: COSTA, Ronaldo Pamplona e GAIARSA, José Angelo. **Macho, masculino, homem.** São Paulo: LP&M, 1986.

MÍCCOLIS, Leila. Na hora da festa, conosco ninguém pode. **Lampião da Esquina,** Rio de Janeiro, p. 9-10, jan, 1980.

MOREIRA, Antônio Carlos. “Bichices na Tevê (plim,plim)”. **Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, abril de 1980, p. 11.

NASCIMENTO, Abdias. “Nessa democracia quem governa é a minoria branca”. **Lampião da Esquina,** n. 15, Rio de Janeiro, agosto de 1979, p. 10.

NECKEL, Roselane. **Pública vida íntima:** a sexualidade nas revistas femininas e masculinas, (1969-1979). 2004. Tese (Doutorado em História). PUC-São Paulo. São Paulo, 2004

NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. **Projeto História,** n.10. São Paulo, PUC-SP, 1993, p. 14-21.

NÓS também estamos aí. **Lampião da Esquina,** n. 12, Rio de Janeiro, maio de 1979, p. 7.

PENTEADO, Darcy. “Homossexualismo: que coisa é essa?”. **Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro, junho de 1978, p. 2.

PORTER, Roy. “História do corpo”. In: BURKE, Peter. **A escrita da história:** novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 2011.

RESISTIR É PRECISO. Aguinaldo Silva - Lampião da Esquina. Entrevista, 2011, 9min 18s. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=2z9uyCRF7ic>. Acesso em: 20 mar. 2016.

ROSA, Susel Oliveira da. **Mulheres, ditaduras e memórias:** “não imagine que precise ser triste para ser militante”. São Paulo: Intermeios; FAPESP, 2013.

SAMARA, Eni de Mesquita & TUPY, Ismênia Spínola Silveira Truzzi. **História& Documento e metodologia de pesquisa.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. “É possível realizar uma história do corpo?”. In: SOARES, Carmem Lúcia (Org.). **Corpo e história.** Campinas: Autores Associados, 2004. p. 4.

SANTOS, Sívio Coelho dos. “Nas raízes da tragédia”. **Lampião da Esquina,** n. 8, Rio de Janeiro, 1979, p. 5.

SIMÕES JÚNIOR, Almerindo Cardoso. **E havia um lampião na esquina:** memórias, identidades e discursos homossexuais. Dissertação (Mestrado em História Social) - UNIRIO, Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Rio de Janeiro, 2006.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n. 2, p. 5-22, jul/dez., 1990.

SILVA, Aguinaldo. “Para o Brasil do ano 2000 os “bons costumes” do século XIX”. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, fevereiro de 1979, p. 5.

VERAS, Elias e PEDRO, Joana Maria. “Os silêncios de Clio: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil”. **Tempo e Argumento**, v. 6, p. 90-109, 2015.

XXVII SIMPÓSIO Nacional de História. Conhecimento Histórico e Diálogo Social. Natal, jul. 2013. Disponível em:
<http://www.snh2013.anpuh.org/simposio/public>. Acesso em: 01 mai. 2014.

Recebido em Abril de 2020
Aprovado em Agosto de 2020

DOI: <https://doi.org/10.14295/rbhcs.v12i24.11289>